



A Metáfora Alquímica no Contexto da Psicologia Clínica na Perspectiva Junguiana

Ramon Petry Pinto¹  e Débora Patrícia Namer Pinheiro² 

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo: A alquimia ganhou grande destaque durante o desenvolvimento da psicologia analítica. Os processos, conceitos e a simbologia associados à alquimia possibilitaram novas maneiras de abordar o psiquismo e seus conteúdos. Uma destas maneiras é o uso de suas metáforas. A metáfora alquímica pode ser rica na tentativa de compreender melhor processos psíquicos. Consequências de cunho emocional, social e psíquico causadas por um evento como o da pandemia do Covid-19, a experiência da depressão e da anedonia, e até o processo psicoterapêutico em sua forma são exemplos em que a alquimia pode ser utilizada metaforicamente. Ainda que a literatura tenha fornecido explicações e exemplos sobre como a metáfora alquímica pode ser utilizada no contexto psicoterapêutico, há poucos estudos que sistematizam o assunto, merecendo mais atenção. Este projeto de pesquisa teve como objetivo conhecer o estado da arte sobre o uso da alquimia como metáfora no contexto da psicoterapia, evidenciando de que maneira os conceitos, os processos e a simbologia da alquimia podem contribuir para a leitura de fenômenos, eventos e temas que aparecem no contexto psicoterapêutico. A partir do método qualitativo, o projeto foi conduzido por meio de uma revisão de literatura de livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos, nos idiomas português e inglês, com o uso dos seguintes descritores: psicologia e alquimia, alquimia como metáfora na psicoterapia e psicoterapia e alquimia. A partir deste estudo, buscou-se contribuir para a sistematização do conhecimento sobre as práticas clínicas, evidenciando formas de utilização da metáfora alquímica nos atendimentos, seja para enriquecer o processo psicoterapêutico ou como uma forma de esclarecer casos mais complexos.

Palavras-chave: psicoterapia, alquimia, psicologia analítica, metáfora alquímica

The Alchemical Metaphor in the Context of Clinical Psychology by the Junguian Perspective

Abstract: Alchemy received a big highlight during the development of analytical psychology. The processes, concepts and symbology associated with alchemy allowed new ways of approaching the psyche and its contents. One of the ways is the use of its metaphors. The alchemical metaphor can be rich in an attempt of a better comprehending psychological processes. Consequences of emotional, social and psychological nature caused by an event as the Covid-19 pandemic, the experience of depression and anhedonia, and even the psychotherapeutic process in its own form are examples in which alchemy can be used metaforically. Even though the literature has provided explanations and examples about how the alchemical metaphor might be used in the psychotherapeutic context, there are few studies which systemized the subject, demanding for more attention. This research project had as its objective to know the state of art about the use of alchemical metaphor in the context of psychotherapy, evidencing in what way alchemy's concepts, processes and symbology can contribute for reading phenomena, events

¹ Psicólogo formado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). *E-mail:* ramonpetryp@live.com

² Doutora em Psicologia Clínica. Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). *E-mail:* dpnpinheiro@gmail.com

Submetido em: 04-04-2024. Primeira decisão editorial: 20-05-2024. Aceito em: 29-07-2024.

and themes appearing in the psychotherapeutic context. Approaching with the qualitative method, the project was conducted by a literature review which included books, scientific articles and academic works, in Portuguese and English languages, with the usage of the following descriptors: psychology and alchemy, alchemy as metaphor in psychotherapy and psychotherapy and alchemy. From this study, it was perceived to contribute to the systematization of the knowledge about clinical practices, evidencing ways of utilizing the alchemical metaphor in the treatment, in order to enrich the psychotherapeutic process or as a way of clarifying more complex cases.

Keywords: psychotherapy, alchemy, analytical psychology, alchemical metaphor

Introdução

A pandemia global da Covid-19 — doença infecciosa causada pelo coronavírus — causou profundas repercussões psicossociais e trouxe novos desafios para todos. Alguns desses desafios estão relacionados à atuação dos profissionais da psicologia nos mais diversos campos de atuação, bem como às novas demandas e formas de expressão de sofrimento por parte dos pacientes. Por exemplo, em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) da cidade de Maringá-PR, novas maneiras de atendimento, que foram adotadas por conta da pandemia, evidenciaram uma série de consequências emocionais provocadas na época: sentimentos de solidão, conflitos familiares, dificuldade na rotina e o medo de ser contaminado pelo vírus. Ao relatar esta experiência, a psicóloga Marcelino (2020) compara a pandemia à vinda de um tsunami. Ambos são fenômenos da natureza sobre os quais não possuímos controle e, inevitavelmente, resultarão em perdas.

Enquanto os desafios e as consequências emocionais dessa “pandemia-tsunami” forem, em grande parte, imprevisíveis e destruidoras, a vida psíquica e profissional também segue em constante movimento em direção à reconstrução. É com este argumento que Marcelino (2020) recorre à metáfora da alquimia, noção amplamente estudada pelo psiquiatra Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica. Segundo a autora, processos alquímicos como a *solutio*, representando o sólido cotidiano invadido e dissolvido pela onda do vírus, e a *coaglatio*, simbolizando a busca por solidificar novas

maneiras de ajudar os pacientes com suas questões psíquicas, são exemplos de como a alquimia pode ser utilizada metaforicamente para interpretar aspectos psíquicos, sejam de caráter emocional ou social. De fato, Jung apresentou a alquimia como um grande tema no desenvolvimento de sua abordagem teórica, argumentando que esta noção possuía conteúdos que poderiam ser explorados e relacionados com sua psicologia (Jung, 1963/2021). Outros estudiosos que também abordaram a relação entre a alquimia e a psicologia, como Edward Edinger, James Hillman e Herbert Silberer, exploraram a metáfora alquímica na psicoterapia. Segundo os autores, a alquimia traz uma grande variedade de recursos, processos e conceitos que podem ser utilizados como metáfora para situações cotidianas e questões de cunho emocional e psicossocial.

A partir dessa perspectiva, o conhecimento alquímico pode servir como mais uma ferramenta no trabalho do psicólogo clínico quando este se encontra diante dos fenômenos psíquicos de seus pacientes. No entanto, há poucos estudos da literatura que sistematizam tais contribuições, sendo pouco acessível e discutido na literatura brasileira. Isso levanta as seguintes questões: como a metáfora alquímica pode ser utilizada no contexto da psicoterapia? O que dizem os estudos da psicologia analítica sobre este assunto?

A Psicoterapia

O modo de se fazer psicoterapia se desenvolveu e mudou muito no decorrer dos tempos, gerando diversas perspectivas e possibilidades para realizar tal processo. Isto se deve ao fato de a psicoterapia não ser um método tão simples e evidente, como se desejava inicialmente (Jung, 1966/2013). Ainda que a psicoterapia parta de interações entre dois sujeitos — o paciente e o psicoterapeuta — é preciso que o processo psicoterapêutico seja compreendido em sua totalidade (Strupp, 2009 como citado em Cassel et al., 2015). A psicoterapia é um processo dialético, onde uma das partes envolvidas (paciente) é vista como um sistema psíquico que entra em interação com outro sistema psíquico (terapeuta). Por este

motivo, a psicoterapia não é um processo que pode ser aplicado de maneira padronizada entre todas as abordagens e por qualquer pessoa, com o objetivo de gerar o efeito desejado. Esta experiência singular pode ser interpretada de maneiras diversas, gerando diferentes interpretações e pontos de vista a respeito do psiquismo (Jung, 1966/2013).

Atualmente, a psicoterapia, é entendida como o processo conduzido pelo profissional da psicologia no contexto clínico. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) define que:

Art. 1º – A Psicoterapia é prática do psicólogo por se constituir, técnica e conceitualmente, um processo científico de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas reconhecidas pela ciência, pela prática e pela ética profissional, promovendo a saúde mental e propiciando condições para o enfrentamento de conflitos e/ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos. (*Resolução nº 10, 2000, p. 1*)

A psicoterapia é um processo trabalhoso e demorado. O paciente, através do discurso, traz ao terapeuta os sintomas que estão gerando sofrimento psíquico. O terapeuta, por sua vez, tem o objetivo de ajudar o paciente a elaborar melhor as causas desse sofrimento, o que pode ser feito de diversas maneiras. Por isso, Jung (1966/2013) aconselha que o terapeuta não possua objetivos tão precisos, pois é pouco provável que ele saiba mais do que a natureza ou a vontade de viver do próprio paciente. O terapeuta acaba sendo um reeducador, ajudando a pessoa a trilhar o seu caminho e a reconhecer a sua responsabilidade social, o que é um processo demorado e repleto de obstáculos. Há casos em que pacientes não apresentam sintomas de via neurótica, mas adoecem pela falta de sentido e conteúdo em suas vidas. Nestes casos, o terapeuta pode enfrentar dificuldades, sobretudo quando o paciente esgotou seus conteúdos conscientes, permanecendo estagnado. Observa-se nestas situações que novas formas de conduzir podem ser bem-vindas. Afinal, quanto mais conhecimento há sobre o psiquismo, percebe-se que as variedades

de como um ser humano pode ser e as diversas formas de estagnações clamam por uma variedade de pontos de vista e métodos, contribuindo para a satisfação de diferentes formas psíquicas (Jung, 1966/2013).

O Conceito de Alquimia: Histórico e Relação com a Psicologia Analítica

Não há como dizer exatamente de onde veio a alquimia. Sua origem vem de fontes diversas e possui caráter impreciso, difuso (Vargas, 2017) e interdisciplinar, por conta de seu leque de sentidos e influências exercidas em diversas áreas do conhecimento humano (Linden, 2003 como citado em Valente, 2017). Dentre as possíveis definições, a alquimia está relacionada com técnicas denominadas arcaicas e mágico-míticas, vindo a surgir com o despertar da consciência (Eliade, 1979 como citado em Vargas, 2017). O ser humano, em contato com a natureza, utiliza elementos desta e os preserva como uma forma de se adaptar ao meio em que vive. Por outro lado, as técnicas envolvem adaptar o próprio meio natural para atender às necessidades e à tomada de consciência do ser humano. Nesta interpretação, Vargas explica que a alquimia se institui como um saber que procura entender melhor as relações do homem com a matéria.

No Egito, a alquimia apropriou-se de conhecimentos sobre técnicas de tinturas, vidros coloridos e metalurgia. Acreditava-se que coisas materiais estavam carregadas com coisas divinas. Na China, a alquimia foi relacionada às técnicas direcionadas ao tratamento médico, as quais tinham como foco a produção de elixires. A alquimia usada na metalurgia ficou conhecida na Suméria e na Babilônia, onde os povos utilizavam minérios para produzir ligas metálicas como o bronze. Em Alexandria, a alquimia ficou muito conhecida e chegou até a Síria e à Pérsia, onde duas vertentes foram criadas. Uma era direcionada ao artesanato e medicina, enquanto a outra ao misticismo. No século X, a alquimia se juntou com a filosofia escolástica e a sapiência cristã na Europa (Vargas, 2017).

Barcellos (2010 como citado em Hillman, 2011) afirma que a alquimia pode ser realizada

nos níveis de corpo, alma e espírito. Uma alquimia puramente física pode ser considerada como uma pré-química, na qual a natureza é entendida nos estudos dos processos de transformações da matéria. Neste sentido, nota-se a relação da alquimia com a metalurgia. Esta relação começa pela concepção da chamada Mãe Terra, que seria o princípio de que é ela quem gera os metais como o cobre, chumbo e estanho, a partir de seu próprio terreno natural, e que esses metais possuem os mesmos elementos, como enxofre e mercúrio (Souza, 2014).

Assim, a produção dos metais, considerados menos nobres, passam por um processo incompleto, o que torna o caráter dos metais menos valioso ou inferior. O objetivo da alquimia era encontrar maneiras de acelerar esse processo “gestativo” dos minerais para obter objetos mais puros, como o ouro, prata e platina (Lima & Silva, 2001, p. 23 como citado em Souza, 2014).

As definições acima sugerem como a alquimia teve influência em várias áreas do conhecimento, sendo estudada e utilizada em diversas perspectivas. Não raramente, a alquimia é vista, ainda, como precursora da química, quando se investiga a história da ciência. Contudo, o *opus* alquímico não se reduz apenas aos experimentos químicos, mas também aos processos psíquicos (Jung, 1944/2012b).

Em diferentes momentos da história da psicologia, estudiosos como Herbert Silberer, Carl Gustav Jung e James Hillman estabeleceram ligações entre a psicologia e a alquimia (Souza, 2014). Uma das compreensões da simbólica alquímica ao redor do tema do psiquismo é a de que projeções do alquimista apareciam nas matérias e suas alterações, do inconsciente pessoal e de imagem arquetípica expressas pelo Self, principalmente de seu processo de individuação (Vargas, 2017). Jung (1944/2012b) diz algo similar no capítulo 3 de seu livro *Psicologia e Alquimia* ao introduzir as ideias alquímicas. De acordo com ele, havia tempos em que o alquimista lutava com os problemas da matéria, situação que levava sua consciência a indagar sobre e acabar se confrontando com o obscuro, o desconhecido. Nesta relação, figuras e leis eram percebidas e atribuídas à matéria, mas na verdade pertenciam à psique. Todo o desconhecido e vazio era preenchido com

projeções psicológicas. O que o alquimista via, ou pensava ver na matéria era conteúdo do seu próprio inconsciente, ou seja, encontrava na matéria qualidades e significados de uma natureza psíquica que é desconhecida a ele.

Uma abordagem psicológica da alquimia também aparece no livro *Ferreiros e Alquimistas*, de Eliade (1979). Na obra, o autor busca conhecer quais as relações do ser humano com a matéria, com enfoque nos minerais, e o “mundo mental” em que essas relações ocorrem. Segundo o autor, o alquimista se preocupa em realizar o processo de transmutação, caracterizado por uma interferência dos processos naturais, acelerando-os e aperfeiçoando-os. Desta forma, conseguiria transmutar a matéria de metais comuns em ouro. Assim como o alquimista procura fazer isso com os metais, ele possui dentro de si a matéria-prima para que a transmutação aconteça, possibilitando o próprio aperfeiçoamento e elevação a um estado de imortalidade, fazendo com que seu espírito também possa chegar a este estado de “perfeição” (Santos, 2011).

A Alquimia como Metáfora

Hillman (2011) apresenta a ideia de utilizar-se da alquimia em forma de linguagem, sugerindo que pode ser utilizada como metáfora, tornando-se o elemento mais importante para a psicoterapia analítica. Por exemplo, sal, enxofre, mercúrio e chumbo são materiais concretos e iniciais, originais. Esses materiais podem ser vistos como as matérias básicas da personalidade, segundo o autor. A metáfora também poderia ser utilizada referente aos objetos do alquimista, como os vasos alquímicos, estes que podem possuir diferentes arranjos, formas e consistências (vidro, cobre, argila etc.) e em que servem para colocar as substâncias e cozinhá-las, como se fossem forma, do estado da alma naquele momento, na qual a personalidade do indivíduo está sendo trabalhada. As operações, por sua vez, fazem analogia ao que se faz ao trabalhar com a psique. Pode-se aprender os processos de evaporação, calcinação, coagulação, fixação, dissolução, putrefação e enegrecimento.

Ainda segundo o autor, essas palavras, suas junções e significados podem ser comparadas com operações da psicoterapia, como: análise da transferência, regressão a serviço do ego, administração da raiva, negação, resistência, identificação, entre outras. Contudo, a linguagem psicológica é muito abstrata, diferente das palavras da alquimia e de seus processos, que são mais concretos e evidenciados empiricamente.

Em razão disso, a linguagem alquímica se apresenta útil à psicoterapia por conta de sua linguagem materializada, embora não possa ser tomada literalmente no contexto clínico. Segundo Hillman (2011): “eu sei que não sou formado de enxofre e sal, não estou enterrado em estrume, putrefazendo ou congelando, ficando branco ou verde ou amarelo, cercado por uma serpente que morde o seu rabo, elevando-me em asas. E todavia, eu sou!”. Outra fala do autor é: “A personalidade é uma combinação específica de chumbo depressivo denso, com enxofre agressivo inflamável, sal sábio amargo e mercúrio evasivo volátil” (Hillman, 1975b, p. 186 como citado em Davy-Barnes, 2009, p. 221). Estas breves falas de Hillman sugerem que o indivíduo possui propriedades que também podem ser vistas nos materiais trabalhados pelos alquimistas e as operações às quais os materiais são submetidos.

As operações alquímicas fazem grande parte dessa linguagem metafórica. O simbolismo destas operações foi estudado por autores pós-junguianos como Edinger (1985), que explorou e os relacionou com a psicoterapia (Davy-Barnes, 2009). As operações alquímicas que Edinger (2006) traz são: *calcinatio*, *solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *mortificatio*, *separatio*, *coniunctio*.

A *calcinatio*, por exemplo, é a operação pertencente ao elemento fogo. Na alquimia, este procedimento opera na *nigredo*, que seria o equivalente à matéria-prima ou massa confusa inicial. Quando colocada no fogo, o aquecimento a transformará na chamada *albedo* — substância branca que revelará a matéria — proporcionando a compreensão dela (Ferreira, 2010). Na psicoterapia, este processo diz respeito à “secagem” de complexos inconscientes que estão submersos. Como Edinger (2006) explica, o paciente expressa quaisquer que

sejam os pensamentos, ações ou lembranças que provocam a vergonha, culpa ou ansiedade. Através dessa expressão, o afeto liberado torna-se o fogo com poder para secar o complexo e purificar sua contaminação inconsciente. Através deste processo as identificações de conteúdos inconscientes serão esclarecidas, preparando o paciente para melhor compreendê-las.

Outra operação é a *sublimatio*, pertencente ao elemento ar. Refere-se à elevação de um material sólido para o estado gasoso, sendo possível resolidificá-lo. Edinger relaciona esta operação à elevação do material trabalhado em terapia, o que possibilitaria uma visão mais objetiva dos conteúdos discutidos durante o processo psicoterapêutico (Davy-Barnes, 2009).

As operações alquímicas podem estar presentes em diversos contextos, ajudando o psicoterapeuta a pensar sobre as questões do paciente e a entender os fenômenos que atravessam tais questões. No exemplo introduzido neste projeto, Marcelino (2020) não só comparou a pandemia do Covid-19 a um tsunami, como também utilizou das metáforas alquímicas para compreender as mudanças provocadas no modo de atender e entender o sofrimento dos sujeitos.

Ao ser simbolizada como um tsunami, é possível associar a pandemia à presença intensa do processo alquímico *solutio*, vista como a inundação de medos e ansiedades diante da chance de acabar adoecendo e até vir a morrer. Permanecer no estado de *solutio* gera a impressão de estar passando por um afogamento. Segundo Edinger (2006), a *solutio* pode ir para o estado de *mortificatio*, que seria um estado de aniquilação, fim, morte daquele formato. Porém, o estado de *solutio* promove um caminho para algo novo. Neste estado e no contexto em questão, é preciso aplicar o processo alquímico *coagulatio*, que fará com que a sensação de afogamento cesse.

Na onda giratória da “pandemia tsunami”, a *coagulatio*, se fez presente, simbolizando a busca por novas maneiras de ajudar os pacientes com suas questões psíquicas, ou a busca por uma “terra firme”. No relato de Marcelino (2020), os profissionais da Psicologia, ao atenderem da forma que era possível os usuários do SUS e garantindo sua biossegurança,

ilustraram o movimento de *solutio* para *coagulatio*. A maioria das demandas psicológicas eram agravamento de transtornos mentais, crises de ansiedade, conflitos familiares, sofrimento psíquico e resiliência. O método encontrado naquele momento para atender essas demandas foi o de Terapia de Sessão Única, que efetivamente colaborou para o alívio do sofrimento psíquico e a estabilização emocional (Marcelino, 2020).

É importante observar como a metáfora alquímica pode ajudar na leitura de fenômenos e soluções para situações cotidianas. No caso da “pandemia tsunami”, o estado de espírito frente a uma situação desconhecida (*solutio*), o enfrentamento nesse estado para não cair em um estado de “sem saída” ou aniquilação (*mortificatio*) e a busca por novas soluções para a estabilização (*coagulatio*), representam os movimentos psíquicos diante de toda a situação e suas fases, assim como fases alquímicas relativas a esses movimentos e suas consequências.

As duas últimas operações abordadas por Edinger são a *separatio* e a *coniunctio*. A operação da *separatio* consiste em separar componentes presentes em um único material. Há muitos processos em que buscam separar componentes de uma substância, como a destilação, separando um líquido de outro ou a evaporação para separar um solvente líquido antes dissolvido em um sólido. Há substâncias nas quais quando se aplica o aquecimento, parte delas torna-se vapor e no material que foi aquecido fica um resíduo terroso (Edinger, 2006).

Em termos psicológicos, a *separatio* representa, primeiramente, uma separação entre sujeito e objeto. É quando o ego cria um espaço para a existência da consciência, assim criando um divisor de opostos. Um ego que não realiza isto fica identificado com um lado dos opostos e projeta seu contrário em um inimigo. Ao observar os opostos, é possível tornar-se consciente de ser capaz de suportar os opostos em seu próprio interior.

A *separatio* também serve na separação entre aspectos literais e objetivos de aspectos subjetivos. No processo de psicoterapia, é usual que o paciente traga conflitos e ambivalência diante de uma decisão prática. Dúvidas sobre aceitar ou não um emprego, fazer algum tipo de mudança,

se deve casar ou se deveria divorciar. O conflito de fazer ou não aparece por conta de uma dificuldade em distinguir o concreto e o simbólico da ação proposta. São dois níveis diferentes de realidade que é preciso distinguir e considerar separadamente (Edinger, 2006). Estas são algumas das maneiras que a *separatio* entra no processo psicoterapêutico.

A *coniunctio* diz respeito à mistura de duas substâncias que, quando unidas, criam uma terceira com propriedades distintas. Para melhor compreensão do simbolismo da *coniunctio*, em termos psicológicos, é necessário separá-la em dois tipos, a inferior e a superior.

A *coniunctio* inferior, na psicoterapia, aparece quando o ego acaba se identificando com outros indivíduos, grupos, instituições e coletividades. Considera-se que é uma mistura contaminada, na qual os opostos que deram origem a esse novo produto, forma ou expressão não haviam sido separados adequadamente, requerendo passos adicionais para que a união seja realizada de maneira apropriada, possibilitando a *coniunctio* superior.

A *coniunctio* superior acontece quando os opostos são unidos de forma adequada, originando algo novo e que possui um potencial libertador. No processo psicoterapêutico, o paciente é colocado diante dos opostos, o que gradualmente oportuniza um novo posto de vista no qual ambos estão presentes. A *coniunctio* superior não acontece somente entre o paciente e seus próprios conflitos, mas também na relação terapêutica. Jung diz que as personalidades do terapeuta e do paciente, quando se encontram, podem ser equiparadas à ideia de duas diferentes substâncias de encontrando, em que ambas se transformam. Isto pode influenciar o resultado do processo psicoterapêutico até mais do que apenas o que o terapeuta diz e pensa. O terapeuta deve estar aberto a sofrer influência do paciente para gerar influência (Edinger, 2006).

Método

O presente projeto de pesquisa fundamenta-se no método qualitativo, sendo uma pesquisa básica conduzida por meio de revisão bibliográfica da literatura. Para tanto, foi construído

um portfólio de livros, teses, dissertações e artigos científicos que abordem o tema da psicologia analítica e alquimia. Ainda que não se trate de uma revisão sistemática de literatura, a pesquisa envolveu a busca e organização deste material a partir do rastreamento de bibliotecas virtuais, da biblioteca física da PUC-PR, do portal de Teses e Dissertações da CAPES e demais bases de dados, tais como: Scielo, Pepsic, Lilacs, Psycinfo, a partir da combinação de palavras-chave “psicologia analítica”, “alquimia”, “psicoterapia” e “metáfora alquímica”, bem como a sua tradução para a língua inglesa. As publicações resultantes das buscas foram organizadas por título e resumo e, posteriormente, foi realizada a leitura detalhada de cada material, a fim de compor ou não o corpus da pesquisa, de acordo com as orientações de Koller et al. (2014). Tais publicações acadêmicas, que inclui artigos, teses, monografias e dissertações, vão do ano de 2009 a 2022. Os livros encontrados sobre o tema são mais antigos, obras clássicas que tratam do tema, com anos de publicação desde 1944.

Após a coleta de dados e construção do corpus da pesquisa, o material foi organizado, primeiramente, entre os que apresentaram ideias convergentes, divergentes, ano e origem da publicação. Em seguida, foi realizada uma análise qualitativa do material por meio da técnica de análise de conteúdo temática. Segundo Bardin (1979 como citado em Minayo & Gomes, 2009), esta estratégia caracteriza-se por um conjunto de técnicas que podem ser usadas, o que sugere diferentes maneiras para analisar os conteúdos para a pesquisa. A forma de análise para essa pesquisa é a análise temática. Nesta, o foco é o tema analisado.

Os procedimentos metodológicos para realização de tal análise podem ser separados em quatro partes: categorização, inferência, descrição e interpretação. A categorização é o momento de decidir o que entra e o que sai da pesquisa. Para isso, deve-se pegar o material que foi analisado e dividi-lo em partes, com o intuito de definir quais componentes entram na pesquisa. Após esta divisão, restou colocar as partes em categorias e decidir o que deveria entrar e sair a partir dos componentes selecionados (Minayo & Gomes, 2009). A parte da categorização pode ser definida da seguinte maneira:

uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classe, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico. (Bardin, 1979, p. 117 como citado em Minayo & Gomes, 2009, p. 88)

Outro procedimento adotado foi a análise do conteúdo a partir da inferência. A inferência aconteceu por meio de um movimento do pesquisador de deduzir quais os materiais e os conteúdos que merecem sua atenção para começarem a serem analisados e estudados. Assim, para a inferência ocorrer, o pesquisador deve partir de premissas que já são aceitas a partir de outros estudos já realizados sobre o assunto (Minayo & Gomes, 2009).

A descrição, por sua vez, seria um levantamento de características do texto que, após concluída a análise, foram selecionadas para serem adicionadas ao trabalho. Por último, a interpretação consistiu na análise crítica dos resultados obtidos, sugerindo olhar além do que está descrito e procurando compreender o texto para designar como os fatores que estão sendo discutidos no próprio são abordados, ao mesmo tempo que novas atribuições de significados foram realizadas (Minayo & Gomes, 2009).

Para a discussão dos resultados, o pesquisador realizou a leitura do que já havia sido escrito no presente trabalho (resumo, introdução, fundamentação teórica, objetivos, método etc.). Durante a leitura, realizou novamente os procedimentos da inferência e interpretação, correlacionando os conteúdos e visando a responder os objetivos da pesquisa.

Após a interpretação e as correlações, o pesquisador procurou na literatura se outros autores já haviam realizado interpretações e correlações dos mesmos conteúdos, buscando conhecer outras formas de interpretação, assim como autores que já tinham pensado em ideias que sustentavam as fornecidas pelo pesquisador. Depois de analisado o que foi encontrado, o processo de descrição das ideias encontradas foi realizado.

Discussão dos Resultados

A alquimia passa por um saber, que seria o de compreender as relações do ser humano com a matéria. O alquimista procurava compreender os fenômenos da matéria nos objetos e os seus comportamentos. Observavam o que surgia na matéria e interpretavam algo a partir do que viam de forma ingênua e sem método previamente estipulado. Ao fazer isso, observa-se que o alquimista estava fazendo projeções inconscientes e tais interpretações não eram corrigidas (Franz, 1980/2022). A compreensão da matéria era fundamental para atingir o principal objetivo da alquimia, a transmutação. Esta poderia ocorrer de diferentes formas e com diferentes objetos. O objetivo seria submeter um objeto inicial a operações e que através destas ele seria transformado (transmutado) em um novo objeto.

O tema da alquimia se relaciona com a psicologia de formas diferentes. No trecho acima, temos uma pista de uma maneira que essa relação se estabelece. Na tentativa de compreender a matéria, o alquimista fazia interpretações inconscientes nela, ou seja, eram projeções de natureza psíquica que apareciam na matéria e suas alterações.

Santos (2011) traz o autor Eliade, que enfatiza essa ideia em seu livro, *Ferreiros e Alquimistas*. O alquimista acreditava que o objeto pudesse ser transmutado, ele via essa potencialidade no objeto e tirou essa ideia de seu próprio psiquismo, pois reconhecia dentro dele mesmo esse potencial de transformação. Acredita na transformação do objeto, assim como percebe que o próprio ser humano se transforma.

Esse caminho para a transformação ou evolução do indivíduo é o que Jung caracteriza como processo de individuação, o qual sofre influência do contexto psicoterapêutico. Aqui, percebe-se a alquimia se relacionando mais uma vez com a psicologia, mais especificamente, com esse conceito dentro da psicologia analítica.

O processo de psicoterapia profunda, que, para Jung, seria uma aproximação do indivíduo ao processo de individuação, aparece nas imagens alquímicas. Aquele que olhar para tais imagens poderá encontrar nelas uma descrição do processo

psicoterapêutico. Durante o processo, o paciente passa por uma transformação, constituída de diversas experiências. As imagens alquímicas condizem com essas experiências, presenciadas no contexto psicoterapêutico (Edinger, 2006). O que Edinger parece estar sugerindo é que, durante a psicoterapia o paciente passa por mudanças, pois cria novas ideias e perspectivas a respeito das questões que traz, gerando atitudes diferentes para com elas e para com o mundo. Isto se torna possível por causa das experiências que tem ao decorrer do processo psicoterapêutico. As experiências seriam as reflexões, interpretações e correlações que ele faz durante o processo, causando movimentos psíquicos, mexendo com o mundo interno do sujeito, com sua psique. Similarmente, as imagens alquímicas mostram o objeto do alquimista passando por vários estágios e sendo submetido a diferentes operações, passando por experiências para ser transformado, passando por mudanças assim como o paciente. Aqui, nota-se já uma metáfora. Os processos alquímicos por si só são como os processos psíquicos que o paciente passa durante a psicoterapia.

Quando se trata da psicologia, o psicoterapeuta tem uma experiência muito parecida com a do alquimista, mas com suas distinções específicas. A maior diferença é que, ao invés de estar lidando com a substância química, o terapeuta está lidando com a alma humana, mas o que o alquimista tentava fazer com a substância, que era organizá-la através de projeções, é o mesmo feito pelo terapeuta com os conteúdos trazidos pelo paciente:

E apresentava-se ao psicólogo o mesmo problema que já por 1.700 anos havia feito a alquimia prender o fôlego: Que fazer com todas essas coisas tão opostas entre si? É possível rejeitá-las e livrar-se delas? Ou é preciso reconhecer a presença delas, e é nossa tarefa colocá-las em harmonia, e do seu aspecto múltiplo e cheio de contradições estabelecer uma unidade, que naturalmente não resulta por si mesma, mas por meio do esforço humano? (Jung, 1956/2012a, §446).

Pode-se dizer que, assim como o alquimista procurava compreender os fenômenos da matéria para poder transformá-la através de operações, o psicoterapeuta faz o mesmo com o paciente. Tenta compreender aspectos da personalidade dele e seu padrão de comportamento para ajudá-lo a entender as causas de seus problemas e a resolvê-los. Além disso, o objetivo do alquimista e o objetivo do psicólogo parecem convergir. Na alquimia, reconhece-se que a matéria estudada possui um potencial para ser transformada. Na psicoterapia, o terapeuta acredita na potencialidade do paciente de mudar suas questões, o qual, junto com o terapeuta, irá discutir, interpretar, compreender e assimilar conteúdos dentro das questões trazidas para transformar o modo de como lida com elas, esperando que seja uma mudança saudável e que preze a saúde mental, dentro do grande processo chamado psicoterapia. Ou seja, ambas as áreas reconhecem no objeto o potencial para transformação e buscam esta através de um grande processo para que ela seja obtida.

Assim, a metáfora alquímica possui grande valor para ser utilizada na psicoterapia. Um ótimo exemplo é quando Hillman (2011) traz a noção de que o ser humano não é formado de sal e enxofre e não está sendo congelado, enterrado em alguma outra substância ou mudando de cor, mas ao mesmo tempo está passando por tudo isso sim. Assim como um objeto estudado pelo alquimista é formado por outras substâncias e mostra-se em diferentes estados, o ser humano passa por diversas experiências que formam sua personalidade e sua visão de mundo. Possui diferentes estados de humor e suas personas³, as quais mostra em situações específicas. Quando Hillman (2011) está falando dessa forma, ele está sugerindo que o ser humano possui propriedades que também estão presentes nos materiais trabalhados pelos alquimistas.

“Transformar chumbo em ouro e transformar a vida cotidiana em vida realizada e ampliada. A vida, com seus elementos já presentes, se transfigura,

³ Persona é um conceito adotado por Jung e que diz respeito a papéis que um indivíduo desempenha na sociedade, dependendo das condições em que está inserido, como com sua família, na escola ou no trabalho. Cada ambiente destes vai solicitar uma atitude diferente do indivíduo para lidar com as exigências do meio (Stein, 2006).

revelando o que estava oculto (...)” (Bassoli, 2022, p. 99). Este é um outro trecho que aproxima a relação do que se faz em um laboratório alquímico e em uma sala de psicoterapia. Enquanto o alquimista transforma seu objeto, o paciente também transforma sua vida com a ajuda do terapeuta, sendo este uma espécie de mediador e conselheiro. Aqui acho importante fazer uma distinção. Por mais que o trabalho alquímico e o da psicoterapia clínica possuam suas semelhanças, o que torna a metáfora muito rica, o psicólogo e o alquimista estão lidando com “objetos” de trabalho diferentes. O alquimista tem total controle do chumbo, por exemplo. Pode fazer com ele o que bem entender, fazendo-o passar por quaisquer operações que achar mais conveniente. O terapeuta está lidando com uma alma humana, um indivíduo que tem sua personalidade, perspectivas, opiniões, vontades, desejos, necessidades etc. O psicólogo não está sob controle do paciente e o trabalho é em conjunto.

É possível perceber que o processo alquímico, em sua totalidade, pode ser uma representação do processo de individuação de uma pessoa, além do próprio processo psicoterapêutico. Entretanto, deve-se sempre lembrar que um indivíduo não irá atingir a plenitude e a extensão simbólica alquímica. Enquanto esta foi construída com o passar dos séculos, no caso individual, conta-se com as experiências do indivíduo em determinado tempo e com a capacidade dele de descrever tais experiências, que são limitadas a este tempo de vida dele. Nos casos individuais não é possível mostrar o todo, pois possui suas variações, fazendo com que seja abordado de formas diferentes, dependendo de qual fase ou versão está se mostrando, pois diferentes conteúdos se destacam em momentos distintos (Jung, 1956/2012a).

Como já assinalado, as operações alquímicas desempenham um grande papel na metáfora alquímica. Santos (2022) traz uma metáfora quando aborda em seu trabalho o procedimento médico da hemodiálise como sendo uma metáfora para a operação *solutio*. A hemodiálise é um procedimento médico para a retirada de líquidos e substâncias tóxicas do corpo, levando a dissolução de tais substâncias, limpando o organismo e direcionando

o indivíduo a um novo estado, mais leve e fluido. A operação da *solutio* pode ser vista na parte da dissolução das substâncias tóxicas. O estado mais leve e fluido que vem posteriormente seria uma transformação, que pode ser descrito a partir do processo alquímico “*solve et coagula*”. A psique, em seu estado atual, passa por um processo de dissolução para chegar a um outro estado, este que agora será o novo estado atual (Santos, 2022). O encontro do novo estado seria a coagulação, que é uma outra operação alquímica, indicando que ambas as operações (*solutio* e *coagulatio*) devem ocorrer para que ocorra uma transformação. Edinger (2006) traz uma ideia da operação da *coagulatio* no processo psicoterapêutico:

A experiência psicoterapêutica comprova a ideia de que o desejo promove a *coagulatio*... muitos pacientes têm um investimento inadequado de libido, uma fragilidade em termos de desejo que por vezes beira a anedonia. Essas pessoas não sabem o que querem e temem os próprios desejos. Assemelha-se a almas não nascidas que, no céu, fogem da queda na realidade concreta. Elas precisam cultivar seus desejos — procurá-los, alimentá-los e agir de acordo com eles. (Edinger, 2006, p. 108)

No trecho acima, Edinger está falando de pacientes que estão perto de uma anedonia, ou seja, sem interesse no mundo. Pessoas que não sabem o que querem, não possuem objetivos bem definidos e não sabem para onde direcionar sua libido, enfatizando seu investimento inadequado. São como pessoas que não estão muito em contato com o mundo, estão no céu e fogem da queda na realidade concreta.

Propõe-se uma possível forma de interpretar o que Edinger (2006) está falando e como o psicoterapeuta pode utilizar em psicoterapia. Como diz Edinger, tais pacientes precisam cultivar seus desejos. Considerando que isso deve ser realizado para uma melhora na saúde mental desses pacientes, o terapeuta deve ajudá-los a recuperarem seus desejos para, então, saírem do estado de anedonia e conseguirem operar no mundo de forma saudável. Esse retorno do desejo vai promover a

operação da *coagulatio*, ou seja, a pessoa volta para a terra firme, para a realidade, para o presente e consegue realizar atividades mundanas, concretizar. É interessante perceber que a anedonia é um dos sintomas da depressão, que também se relaciona com a *coagulatio*. Para entendermos esta relação, precisa-se de uma compreensão ao redor da depressão e do chumbo.

Na depressão, é possível notar o indivíduo voltando sua energia psíquica para o seu interior, perdendo o contato com o mundo externo e ficando preso às suas fantasias e indagações na realidade. Neste estado o ego fica esvaziado, retratando essa atitude fugidia e autônoma que a pessoa com depressão apresenta diante da realidade. Essa experiência da depressão propicia a *coagulatio*, que vai ser feita através do chumbo (Amui, 2013). O chumbo será bem-vindo nesse momento, pois as fantasias e indagações que estão muito aguadas, sem forma específica e longe da realidade precisam pesar e abandonar seu caráter vago, ou seja, precisam solidificar. O chumbo representa o denso, pesado, incômodo e sombrio que o indivíduo deve enfrentar e compreender, mas em forma sólida, possibilitando o enfrentamento das imagens que vem das fantasias e indagações, e esta solidificação será realizada pela operação *coagulatio*. A capacidade do indivíduo de coagular esses conteúdos, passá-los de líquidos para sólidos, é uma maneira de avançar uma etapa do processo de individuação. Assim, nota-se um lado positivo a partir da experiência da depressão, no qual o indivíduo proporciona às fantasias e indagações mais substância e firmeza. Isto seria algo positivo na vida do indivíduo, pois contribui no processo de individuação, influenciando no desenvolvimento psíquico. As características negativas, frias e perigosas da depressão, quando associadas ao chumbo, permite o indivíduo de se desenvolver a partir da experiência da depressão (Amui, 2013).

Gostaríamos de retomar o que foi apresentado na introdução da presente pesquisa, com o intuito de pensar mais sobre a metáfora alquímica. A autora e psicóloga Marcelino (2020) fez uma relação da pandemia do Covid-19 com a alquimia. A pandemia trouxe muitas repercussões, mudando o sólido cotidiano das pessoas. Esse sólido cotidiano

passou por um estado líquido, possibilitando ver a *solutio*. Disto, surgiu a necessidade de procurar novas maneiras de realizar as atividades cotidianas, como o homeoffice, aulas online, uso de máscara, entre outras. A tentativa de procurar novas maneiras representa a *coagulatio*, a procura de uma terra firme, de algo que possamos estabelecer.

Pode-se notar que a alquimia possui potencialidade para abordar processos psíquicos de uma nova perspectiva, como os que surgem através de uma mudança corpórea (hemodiálise), conseqüentemente levando a uma transformação, a experiência da anedonia e o desejo, a experiência da depressão e até o estado e atitudes diante de conseqüências causadas por um evento catastrófico. Tal conhecimento pode ser muito útil, seja para enriquecer o processo psicoterapêutico ou para mostrar um novo caminho do que pode ser feito em casos em que o processo esteja estagnado. Na psicoterapia, pode acontecer de o psicoterapeuta e o paciente perderem o senso de direção. Isto é devido aos acontecimentos surgidos durante o processo, que podem levar a mais dúvidas e mistérios. Muitos recorrem a teorias sobre a psique para recuperar essa orientação. Para aquele que quer sair um pouco de uma teoria pré-concebida, deve-se buscar categorias que compreendam a psique dentro da própria psique (Edinger, 2006). Partindo-se desta ideia, a alquimia pode ser utilizada para compreender as questões que o paciente traz de uma outra perspectiva, contribuindo para um maior entendimento delas, enriquecendo o processo psicoterapêutico.

Herbert Silberer foi quem primeiramente interligou a alquimia com a psicologia do inconsciente. Contudo, foi em uma época na qual não havia muito conhecimento sobre o psiquismo, dificultando a compreensão da alquimia de um ponto de vista psicológico. Atualmente, pode-se perceber que a alquimia contribuiu para a psicologia, mesmo não tendo sido intencional, mas os símbolos e processos alquímicos são valiosos (Jung, 1956/2012a).

Mesmo a alquimia possuindo tal potencial, observa-se que sua relação com a psicologia não é um tema tão explorado na literatura. Isto pode ser devido à complexidade do tema em si. Mesmo em círculos de pessoas que estudam a abordagem da psicologia analítica, a grande maioria desiste do

tema da alquimia. Conseguem acompanhar o que Jung fala sobre mitos e outros temas, mas não as relações que faz com a alquimia, pois esta se mostra tremendamente obscura e complexa, com textos de difícil leitura e compreensão e, para aquele que decidir penetrar nesse tema, precisará desenvolver uma grande bagagem de conhecimentos (Franz, 1980/2022).

Conclusão

Assim como as repercussões causadas pela pandemia do Covid-19 e os processos psíquicos surgidos de tais repercussões puderam ser lidos utilizando a metáfora alquímica, pode ser possível que situações diversas trazidas no contexto psicoterapêutico também possam ser interpretadas utilizando o mesmo método. Contudo, ainda há poucos materiais para comprovar com segurança sua utilização. Não é um tema muito explorado na literatura, principalmente quando comparado a outros dentro da própria psicologia analítica, como os sonhos ou os mitos. Acredita-se que isto é devido à própria complexidade do tema, o que pode ser confirmado.

Durante a realização da presente pesquisa, muitos conceitos precisaram ser compreendidos, com seu leque de significados dependendo do contexto em que estão sendo utilizados. Foi necessária a releitura de muitos textos para interpretá-los e correlacionar os conteúdos estudados. Através da leitura de textos alquímicos, do estudo das imagens e dos símbolos e a procura de seus significados, pode-se perceber que há uma grande riqueza de conteúdos relacionados à experiência do viver do ser humano e do psiquismo, mas exige um esforço e curiosidade para sua compreensão.

É possível ver que a metáfora alquímica na psicoterapia contém potencial, entretanto, precisa-se ser estudado ainda mais. Sua utilização pode ser um pouco mais complexa e o psicoterapeuta que se dispôr a utilizar deverá se apropriar de muitos conceitos da alquimia e desenvolver a capacidade de avaliar quando e como eles devem ser utilizados. Parece ser possível relacionar os símbolos e as operações de formas diferentes para interpretar o que é trazido no

contexto psicoterapêutico. Mas como exatamente utilizá-los? Quais as maneiras possíveis de utilizar um conceito da alquimia e relacioná-lo exatamente com algo trazido no contexto psicoterapêutico?

Talvez seja um conteúdo que possa ser sistematizado, mas com o leque de significados e relações possíveis dentro da alquimia, revela-se que a sistematização de tal conteúdo está longe de ser realizada. Na literatura sobre o tema, há conteúdos que permitem pensar sobre essa sistematização, mas ainda não está tão claro em como fazer isso, dificultando sua utilização. A quem desejar realizar pesquisas que tratem da utilização da metáfora alquímica em psicoterapia, primeiramente deve ser investigado mais detalhadamente como que as operações, imagens e conceitos da alquimia podem ser utilizados, pois a *opus* alquímica é muito grande e há muitos materiais para ainda serem investigados com mais detalhe e especificidade. Segundo, é preciso testar sua utilização no contexto psicoterapêutico, pensando alquimicamente os processos psíquicos envolvidos no que o paciente traz e qual o efeito disso no processo, observando como poderia enriquecê-lo, ajudando o paciente a caminhar ainda mais longe na jornada da psicoterapia.

Referências

- Amui, J. M. (2013, 27 de outubro). *Depressão e coagulatio alquímica o sofrimento como propiciador da solidificação*. The Jung Page. <https://jungpage.org/learn/articles/analytical-psychology/91-depresso-e-coagulatio-alquimica-o-sofrimento-como-propiciador-da-solidifio>
- Bassoli, A. (2022). Psicologia e alquimia. In I. Gaeta (Org.). *Alquimia na clínica*. Anais do décimo simpósio de Psicologia Analítica da Universidade Paulista. UNIP.
- Cassel, P. A., Sanchez, L. F., Campezzatto, P. V. M., & Nunes M. L. T. (2015). Processo psicoterapêutico: compreensão de momento de mudança psicológica em uma sessão de psicoterapia psicanalítica. *Contextos Clínicos*, 8(1), 27-37. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2015.81.03>
- Davy-Barnes, M. (2009). Firing the therapeutic imagination: supervision and alchemical language. *Journal of Poetry Therapy*, 22(4), 219-234. <https://doi.org/10.1080/08893670903357864>
- Edinger, E. F. (1985). *Anatomy of the psyche*. Open Court.
- Edinger, E. F. (2006). *Anatomia da psique: o simbolismo alquímico na psicoterapia*. Cultrix.
- Eliade, M. (1979). *Ferreiros e Alquimistas*. Zahar.
- Ferreira, C. I. (2010). *O fogo através do fogo: Ogum e a calcinatio no processo de psicoterapia*. [Monografia de Especialização]. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- Franz, M. L. (2022). *Alquimia: uma introdução ao simbolismo e seu significado na psicologia de Carl G. Jung*. Cultrix. (Trabalho original publicado em 1980).
- Hillman, J. (2011). *Psicologia alquímica*. Vozes.
- Jung, C. G. (2012a). *Mysterium Coniunctionis: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia*. In Obras Completas de C. G. Jung (Vol. 14/2). Vozes. (Trabalho original publicado em 1956).

- Jung, C. G. (2012b). Psicologia e alquimia. In *Obras Completas de C. G. Jung* (Vol. 12). Vozes. (Trabalho original publicado em 1944).
- Jung, C. G. (2013). A prática da psicoterapia. In *Obras Completas de C. G. Jung* (Vol. 16/1). Vozes. (Trabalho original publicado em 1966).
- Jung, C. G. (2021). *Memórias, sonhos, reflexões*. Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1963).
- Koller, S. H., Hohendorff, J., & Couto, M. C. P. P. (2014). *Manual de produção científica*. Penso.
- Lima, L. P. (2016). Psicoterapia para psicoterapeutas: luxo, obrigação ou necessidade? *IGT na Rede*, 13(24), 60-84. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000100005&lng=pt&tlng=pt
- Marcelino, D. B. (2020). Pandemia tsunami: análise simbólica e alquímica no Serviço de Psicologia em UBS. *Cadernos de Psicologias*, 1. Recuperado de <https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/pandemia-tsunami-analise-simbolica-e-alquimica-no-servico-de-psicologia-em-ubs/>
- Minayo, M. C. S., & Gomes, S. F. D. R. (2009). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Resolução CFP n. 10, de 20 de dezembro de 2000. (2000). Especifica e qualifica a Psicoterapia como prática do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2000/12/resolucao2000_10.pdf
- Santos, J. C. (2022). *Imaginário e envelhecimento: experiência de idosos com doença renal crônica na perspectiva da Psicologia Analítica*. [Tese de Doutorado]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-15022023-190820/pt-br.php>
- Santos, O. T. L. (2011). *Transmutação alquímica na obra de Roger Bacon*. [Monografia de Graduação]. Universidade de Brasília. <https://bdm.unb.br/handle/10483/2875>
- Souza, H. M. (2014). Atravessamentos alquímicos na Psicologia. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 35(2), 91-102. <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2014v35n2p91>
- Stein, M. (2006). *Jung: o mapa da alma: uma introdução*. Cultrix.
- Valente, A. G. (2017). *O mercurius alquímico como modo de compreender a alquimia em Jung*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Paraná. <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/48528/R%20-%20D%20-%20ANDRE%20GUGELMIN%20VALENTE%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Vargas, N. S. (2017). Aspectos históricos da alquimia. *Junguiana*, 35(2). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252017000200008&lng=pt&tlng=pt